

O Grupo Egípcio no País

O PRIMEIRO grupo (1945) concentrara-se em Gvat e o segundo (1946) em Degânia. Foi nestes dois *kibutzim* que os *chaverim* fizeram de fato sua *hachshará*, seu aprendizado profissional, ligaram-se aos hábitos e costumes da terra, aprenderam a língua.

Passava-se isso no tempo em que era grande a intranqüilidade no país, a resistência passiva contra os ingleses aumentava dia a dia. Quando houve a onda de prisões em *kibutzim*, também os líderes dos grupos de Degânia e Gvat foram metidos em Rafiach, o grande campo britânico de prisioneiros. Dan K., hoje *chaver* de Bror Chail, conseguiu escapar de lá usando um expediente raro: os ingleses haviam super-lotado as prisões, e para aliviar um pouco, resolveram soltar os menores. Dan, que possui aspecto muito juvenil, barbeou-se cuidadosamente, e apresentou-se como menino de 16 anos. Foi solto.

Ambos os grupos passaram pesadas crises no país. Sua preparação na Golá fôra insuficiente, seus membros possuíam pouco tempo de estada no movimento. Tentou-se algumas atividades conjuntas, que não foram adiante.

Em 1947 chegou o 3º grupo do movimento egípcio, com 25 *chaverim*; dirigiu-se para Gvat Brenner, para *hachshará*. Tratava-se, porém, de um grupo de nível geral muito fraco. Seus elementos logo abandonaram o *kibutz*, estabelecendo-se em *moshavim*.*

Nesta mesma época a situação do segundo grupo, o de Degânia, eclodiu numa crise. Uma parte foi junto com o 3º grupo, para *moshavim*. A outra, resolveu sair de Degânia, esperar reforços do movimento, e tentar colonização própria; dirigiram-se para Chanita, para lá aguardar novos grupos. Fundou-se uma central de ligação para dirigir a atividade do movimento no Egito e estimular a vinda de novos companheiros. Mas a *aliá* do Egito enfraquecera muito,

* Moshav — Colônia agrícola não coletivista, mas intensamente cooperativista.

iniciara-se a pressão anti-sionista no Egito, e claro, os movimentos *chalutzianos* tiveram que baixar para a vida subterrânea.

Isto desorientou o grupo de Chanita, de 30 *chaverim*. Não podendo receber reforços, houve cisões internas, e a maior parte uniu-se ao primeiro grupo, ainda em Gvat; uma parte foi enviada para a Palmach,** à qual todos os grupos tinham que fornecer certo número de elementos. E novamente juntos, resolveram preparar-se os grupos egípcios para sair à colonização.

SNÉ — A SARÇA ARDENTE DE MOISÉS

ERA costume que todo grupo, antes de sair para colonização, passasse algum tempo como grupo de trabalho (*plugá avodá*) independente, trabalhando em algum lugar maior, vivendo juntos, afim de preparar-se profissionalmente, solidificar-se como comunidade e economizar algum dinheiro que ajudasse no início da colonização.

O grupo mudou-se de Gvat para Raanana, instalou-se num acampamento da Agência Judaica, construído exatamente para equipes de trabalho semelhantes. A nova comunidade adotou um nome — Sné — a sarça ardente que Moisés encontrara no deserto, quando apascentava os rebanhos, que queimava, mas não se consumia.

Ano e meio passou o grupo “Sné” em Raanana. Iniciou seu patrimônio, comprou as primeiras vacas, as primeiras galinhas, economizou dinheiro para um trator. Os *chaverim* trabalhavam em todos os tipos de trabalho, muitas vezes negro, mas procurando sempre ocupações que ajudassem na especialização profissional. *Chaverim* saíram para trabalhar na construção da estrada de Manara, um ponto nosso numa zona de árabes hostís; um grupo foi para Sodoma, onde devido ao clima difícil o trabalho era altamente remunerado.

Continuara-se, neste meio-tempo, a manter contacto com os movimentos juvenis da África de Norte e setores de fala francesa; seguiram também diversos *shlichim*. Assim, novos companheiros vieram se unir ao grupo “Sné”. Um grupo de Marrocos, cêrca de

** Palmach — Tropa de choque da Haganá. Formada, em sua maioria, por *chaverim* de *kibutzim*. Passavam sério treinamento militar, secreto, e foram o primeiro corpo de combate do futuro exército.

15 elementos, alguns isolados, belgas, franceses, enfim, pouco antes da colonização havia já 120 *chaverim*. Perderam-se também elementos, pelo natural processo de seleção qualitativa. Nesta época, o grupo sofreu seu processo de politização, e houve não poucas discussões. Foi então que se formou uma ala do Mapai e outra do Mapam, que se cindiriam mais tarde.

Uma proposta de colonização em Revivim, no Neguev, apresentada em fins de 1947, foi rejeitada pelo grupo. Resolveu-se esperar terras e sair para colonização independente.

COLONIZAÇÃO !

— A NOSSA saída para colonização (*Hitiashvut*) teve características sensacionais: um belo dia fomos avisados, e três dias depois saíamos! No dia 3 de maio de 1948, recebemos comunicação de que havia sido determinado o local para nós; seria no Neguev, perto duma aldeia árabe chamada Brer. Ninguém conhecia, nem o lugar, nem a redondeza, nem as condições. Tivemos apenas o mais parco tempo de preparar algumas coisas e escolher o primeiro grupo de colonização, 25 rapazes e cinco moças, entre os quais eu; deveríamos preparar as bases do *kibutz*, e depois viria o resto. Não desconfiávamos que passaria bem mais de um ano antes que nos víssemos de novo. E três dias depois da comunicação, em seis de maio, nove dias antes da proclamação do Estado, partimos!

— Mas por que esta correria?

— Estávamos em vésperas de Independência, todos sabiam que haveria guerra, e o lugar de nossa colonização era um ponto de grande valor, e que precisava ser ocupado militarmente o mais rápido possível. Assim o dispusera a Haganá.

— Vocês tinham preparação militar suficiente?

— Preparação militar? Quatro dias de treinamento cada um! Ah, sim, havia os veteranos, que em Gvat tinham recebido mais três dias . . .

— Partiram, então . . .

— Partimos, pois, no dia 6 de maio, sem levar quase nada. Até Gvat Brenner, fizemos viagem regular. Lá pernoitamos, e na manhã seguinte nos enfiaram num ônibus blindado, inteiramente fechado. Partimos. Não se enxergava absolutamente nada fora, nem sabíamos

bem para onde íamos. Depois de algum tempo, o carro começou a sacudir. Supomos que estaríamos viajando pelo campo, ou por alguma estrada não asfaltada. Isto continuou ainda por algum tempo. No fim, umas sacudidas mais fortes, o carro parou, a porta abriu-se, e o condutor disse:

“— Chegaram ao lugar!”

— Havíamos chegado ao lugar de nosso futuro *kibutz*! Saímos. Mas chegado aonde, havíamos? Em nossa frente estendia-se uma vasta planície. Do lado, a pouco mais de um quilómetro, uma enorme aldeia, cheia de árabes. Mais ao longe, outras aldeias árabes. E árabes, árabes em quantidade, circulando pela aldeia, pelos campos, pela planície! E no meio nós, em cima duma colina! Havia duas toscas casinhas de madeira, três barracas, um paredão de terra cercando tudo, e nada mais! E lá estávamos nós, 25 rapazes e cinco moças, com quatro dias de preparação militar e exatamente 15 fuzís e uma metralhadora Bren! Havia no lugar uns 30 a 40 homens da *Palmach*, que tinham erguido uma fortificação no alto da colina, e que logo partiriam. Receberam-nos cordialmente, mas examinando-nos como o rabo do olho, para ver se aguentaríamos o tranco. Como eu disse, eles logo se retirariam, mas antes haveriam de... bem, isso já é outra história.